
Rainer G. *Pensar entre línguas: a teoria da tradução de Vilém Flusser*. Tradução de Murilo Jar-delino da Costa e Clélia Barque-ta. São Paulo: Annablume, 2010, 282 p.

Pensar entre línguas: a teoria da tradução de Vilém Flusser é a tradução de uma versão resumida

(pelo próprio autor) do livro *Philosophieren zwischen den Sprachen: Vilém Flussers Werk*. Essa publicação vem suprir uma lacuna tanto na área dos estudos de tradução quanto na bibliografia especializada a respeito do filósofo Vilém Flusser no Brasil, já que essa obra fundamental sobre a teoria de tradução de Flusser permanecia inacessível aos leitores brasileiros que não dominam a língua alemã.

O autor, Rainer Guldin, é professor de Língua e Cultura Alemã na Faculdade de Comunicação e Ciências Econômicas da Universidade Svizzera Italiana em Lugano, na Suíça. Em *Pensar entre línguas*, Guldin estuda a vida e a obra de Flusser sob o ponto de vista da tradução. O ângulo de observação escolhido pelo autor permite-lhe demonstrar que muitos dos conceitos centrais desenvolvidos por Flusser em suas reflexões teóricas sobre os novos meios de comunicação têm origem em seus primeiros textos, escritos em português quando Flusser ainda morava no Brasil. Segundo Guldin, estamos diante de uma filosofia baseada na contínua reelaboração de “conceitos fundamentais que devem ter sido transpostos aos respectivos novos horizontes de ação e pensamentos existenciais e literários” (pp. 164-165).

A estrutura do livro procura reproduzir os três círculos que, no entender de Guldin, se encontram profundamente entrelaçados na vida de Flusser: o existencial, o filosófico e o literário. Explorando meticulosamente esse modelo triádico, em que a vivência

concreta, a reflexão teórica e a prática de escrita diária se imbricam e interagem, Guldin verifica que a vida e a obra de Flusser se caracterizam por um surpreendente sentido de continuidade e coerência interna.

A primeira parte do livro é, portanto, um esboço biográfico, em que Guldin narra os principais eventos da vida de Flusser a fim de mostrar que os diversos exílios foram encarados pelo filósofo como problemas de tradução e retradução. Flusser se considerava *Bodenlos*, palavra alemã que significa “sem pátria” ou “sem fundamento”, e que ele escolheu como título de sua autobiografia filosófica. Sem raízes (outra tentativa de traduzir *Bodenlos*), Flusser “pairava” por sobre pátrias, culturas e línguas. Desse ponto de vista em suspensão, Flusser elegeu o jogo da tradução como um modelo de todos os outros modelos, ou como forma de transcendência dos modelos. Escrevendo em quatro línguas (alemão, português, inglês e francês), Flusser traduzia e retraduzia sistematicamente seus próprios textos e, a partir dessa

prática, refletia também teoricamente sobre a tradução.

Na segunda parte, que trata das reflexões filosóficas de Flusser, Guldin observa que a teoria flusseriana de comunicação contém a teoria da linguagem, e que a sua teoria dos gestos abrange os dois estágios anteriores: a teoria da comunicação e a da linguagem. A teoria da comunicação surge como metateoria da filosofia da linguagem, e a teoria dos gestos, como metateoria da ciência da comunicação e da filosofia da linguagem.

Salienta-se, dessa forma, o pluralismo de Flusser, que descobriu na multiplicidade das línguas o ponto de partida para seu pensamento e seus escritos. O “eu” poliglota é o lugar onde os diferentes mundos linguísticos se encontram, o palco no qual se encena o jogo da tradução.

Sob a influência da fenomenologia de Husserl, Flusser vê a sociedade como uma rede de relações intersubjetivas. O indivíduo nada mais é do que a soma de todas as suas relações concretas. Essa visão parece concretizar-se cada vez mais na sociedade telemática

atual. Nessa sociedade constituída por nós interligados em rede, todos os processos de troca podem ser considerados como diálogos, como atividades de atribuição de sentido (*Sinngebung*) que dão significado à vida de todos aqueles que participam da rede.

Flusser dizia que toda teoria da tradução sempre é também uma teoria do conhecimento. Recorrendo a comparações com a *epoché* de Husserl e o *pilpul* dos talmudistas, Guldin analisa a prática de tradução e retradução de Flusser, em que a tradução é empregada como um método dialógico de crítica filosófica. Nesse processo de tradução e retradução, as línguas se enriquecem reciprocamente.

A terceira parte estuda em maior detalhe a prática de escrita de Flusser. Para Flusser, cada língua possui uma materialidade própria, um caráter inconfundível que, embora limite suas possibilidades de escrita, desafia-o, justamente por isso, a superar essa resistência. As línguas são, em princípio, sistemas abertos. Guldin vê na fenomenologia da linguagem de Flusser uma tentativa

de compreensão da essência de cada língua não com a intenção de construir um ponto de vista essencialista, mas de desenvolver um modelo para o processo de escrita. Como, para Flusser, só se consegue ser criativo em uma língua quando se vai contra as suas tendências básicas, o “espírito” de cada língua é negado no mesmo momento em que é “descoberto”. Assim, segundo Guldin, o projeto dos românticos de Jena, embora tenha influenciado bastante as concepções linguísticas de Flusser, não apenas é lido pelo avesso como também sua premissa teórica essencial é traduzida em uma instrução de ação prática que deve conduzir à superação de qualquer concepção linguística de inspiração nacionalista.

Na visão de Flusser, a língua cria o mundo. Entretanto, como existem diversas línguas, há igual número de universos de pensamento. A multiplicidade confere riqueza ao pensamento, e não de-

ve ser “filtrada” ou simplificada. Para Guldin, a síntese buscada insistentemente por Flusser não significa a eliminação de todas as diferenças, mas, ao contrário, “o projeto de uma complexa unidade de partes contraditórias: uma pluralidade de pontos de vista” (p. 39). A pluralidade é reconhecida como riqueza, e a tradução é o método para trazê-la à luz.

Finalmente, é preciso ressaltar que a elaboração de *Pensar entre línguas* exigiu a análise de uma quantidade impressionante de textos — principalmente em alemão e português, mas também em inglês, francês e tcheco. Guldin é, sem dúvida, um intérprete privilegiado das ideias de Flusser. Como Flusser, Guldin domina várias línguas e a arte de criar pontes improváveis e dar saltos ousados de um tema a outro, expressando essas arrojadas operações em estilo claro, preciso e poético a um só tempo.

Cláudia Santana Martins
USP